



ORIENTE MÉDIO / Desalojadas, milhares de pessoas enfrentam frio, fome e sede na Turquia e na Síria após o devastador terremoto da última segunda-feira. OMS teme uma grave crise sanitária, com doenças como o cólera, nas regiões afetadas

O drama dos sobreviventes

Após terem escapado do forte terremoto que atingiu o sudoeste da Turquia e o norte da Síria, os sobreviventes passam, agora, por momentos de grandes dificuldades e medos. Faltam comida e água nas áreas mais devastadas. Dezenas de milhares de pessoas que perderam suas casas enfrentam ainda temperaturas congelantes nas ruas, amontoadas em torno de fogueiras. A Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta para a possibilidade de uma grave crise sanitária, com doenças como o cólera, que causaria ainda mais danos que a própria catástrofe.

Mais de 96 horas após a catástrofe, especialistas temem um aumento dramático do número de mortos devido à grande quantidade de pessoas que, calculam, continuam presas nos escombros. Os balanços divulgados na noite de ontem indicavam mais de 20 mil óbitos nos dois países, superando o total de vítimas do terremoto de 2011 em Fukushima, no Japão, que provocou um tsunami, matando mais de 18,4 mil pessoas.

Nas ruas das cidades atingidas pelo tremor de terra, cenas desoladoras. Na cidade turca de Antakya, uma multidão pedia ajuda em frente a um caminhão que distribuía casacos infantis e outros suprimentos. Muitos dos que perderam seus lares estão em tendas, estádios e em outros abrigos temporários, mas são inúmeros os que dormem ao relento. “Se as pessoas não morreram por ficarem presas sob os escombros, morrerão de frio”, repetia Ahmet Tokgoz.

Com a demora da ajuda, que rende severas críticas dos turcos ao governo do presidente Recep Tayyip Erdogan, vários sobreviventes foram obrigados a procurar alimentos e refúgio por conta própria. Sem equipes de resgate em vários pontos, alguns observaram impotentes os pedidos de ajuda dos parentes bloqueados nos escombros até que suas vozes não fossem mais ouvidas.

O frio agrava a situação. Na cidade turca de Gaziantep, as temperaturas caíram para -5 °C na manhã de ontem. Apesar do frio, milhares

de famílias, que perderam suas casas vivem em veículos ou barracas improvisadas. Os pais caminham com os filhos nos braços e cobertos com mantas. “Quando nos sentamos, dói. Me assusta pensar nas pessoas presas sob os escombros”, diz Melek Halici, enquanto segura sua filha de 2 anos nos braços e observava as equipes de resgate trabalharem durante a noite.

As autoridades locais proibiram milhares de moradores de voltarem para seus lares, ainda considerados muito perigosos pelos tremores secundários que abalam diariamente a região. Diante disso, alguns se refugiaram nas casas de vizinhos ou parentes. Outros deixaram a região. Mas muitos simplesmente não têm para onde ir.

Comboio

Na Síria, já debilitada pelos 12 anos de guerra civil, a situação é ainda pior. Ontem, no quarto dia após a tragédia, o noroeste do país, controlado pelos rebeldes, recebeu o primeiro comboio de ajuda internacional através da passagem de fronteira de Bab al Hawa, a única autorizada para o envio de material a partir da Turquia.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) informou que a entrega inclui mantas, colchões, tendas e artigos básicos de socorro para cobrir as necessidades de ao menos 5 mil pessoas. Embora tenha sido um pacote de assistência planejado desde antes do terremoto, a iniciativa foi exaltada. “Pode ser considerada uma resposta inicial das Nações Unidas e deve continuar, como nos prometeram, com comboios maiores para ajudar nossa população”, disse Mazen Alloush, funcionário do posto de passagem da fronteira.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, instou o Conselho de Segurança a autorizar a abertura de novos pontos fronteiriços entre Turquia e Síria para entregar ajuda humanitária da organização às vítimas do terremoto.

A União Europeia prepara uma conferência de doadores em março para mobilizar ajuda internacional para Síria e Turquia. “Ninguém deve

AFP



Mulheres turcas acampadas em Gaziantep, onde os termômetros marcaram -5°C na manhã de ontem: falta de apoio e críticas a Erdogan

ficar sozinho quando uma tragédia como essa atinge uma população”, afirmou a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

A questão da ajuda é considerada delicada na Síria, com regiões sob controle dos rebeldes e um governo que tem a inimizade do Ocidente. O bloco europeu enviou rapidamente equipes de emergência para a Turquia, que também recebeu ajuda dos Estados Unidos, da China e dos países do Golfo, mas, inicialmente, ofereceu assistência mínima à Síria por causa das sanções contra o regime de Bashar al-Assad.

Na quarta-feira, no entanto, o governo Al-Assad solicitou formalmente ajuda a Bruxelas e a Comissão Europeia incentivou os 27 países do bloco a responder de maneira favorável, mas com vigilância para impedir o desvio de material.

Cidade inundada

AFP



A maioria dos habitantes de Tlul, no noroeste da Síria, foi obrigada a deixar o vilarejo, ontem, após o rompimento de uma barragem que inundou a região, consequência do forte terremoto que abalou o país e a vizinha Turquia. A água cobriu parcialmente casas e árvores. Plantações de trigo e de feijão ficaram completamente submersas no povoado, localizado ao norte da província de Idlib, próximo à fronteira com a Turquia. “Nossa situação é dramática”, desabafou Luan Husein Hamadeh, um dos poucos moradores que permaneceram na aldeia.

"TRAIDORES DA PÁTRIA"

Nicarágua deporta 222 opositores

A Nicarágua libertou, ontem, 222 presos políticos, adversários do governo de Daniel Ortega, incluindo políticos da oposição e líderes empresariais. Declarados “traidores da pátria”, eles foram privados de seus direitos políticos, despojados de sua nacionalidade e deportados para Washington, a capital dos Estados Unidos, onde desembarcaram horas depois. O anúncio foi feito no momento em que Ortega é pressionado devido ao autoritarismo crescente de seu governo.

Recentemente divulgada por parentes dos deportados, a informação foi confirmada em seguida pela Justiça nicaraguense. Entre os opositores expulsos, estão a ex-comandante sandinista Dora María Téllez; a ex-pré-candidata à Presidência Cristiana Chamorro; e Juan Lorenzo Holmann, mas não o bispo Rolando Alvarez, nem outros sacerdotes.

“Em um país democrático, um preso político é libertado, volta

para casa, abraça sua família e o Estado garante a sua segurança, seu bem-estar e seus direitos fundamentais. Na Nicarágua, se alguém é solto, não tem essas garantias fundamentais: o direito à vida, à livre-circulação, a poder se manifestar e continuar sendo um cidadão, por isso tem que sair do país”, denunciou, em vídeo, Arturo McFields, ex-embaixador de Ortega na OEA. Demitido após qualificar seu país como uma ditadura, ele agora reside nos Estados Unidos.

A vice-presidente Rosario Murillo ressaltou que a decisão foi tomada “no interesse supremo de nossa pátria de viver em harmonia, de viver trabalhando e prosperando com a paz”.

A iniciativa dividiu a população. Alguns nicaraguenses saudaram a medida, classificando-a como um sinal de boa vontade para com os Estados Unidos, que haviam imposto sanções ao país. Outros acreditam que o objetivo

AFP



Familiares e amigos aguardam o desembarque dos presos políticos no Aeroporto Internacional

tenha sido apenas se livrar dos opositores presos.

Segundo o jornal norte-americano *The New York Times*, uma negociação entre Washington e Manágua resultou na libertação dos prisioneiros, “uma das maiores” na qual os Estados Unidos já se envolveram. Oficialmente, o governo do presidente Joe Biden negou um acordo, dizendo tratar-se de uma iniciativa “positiva e bem-vinda”.

Washington informou ter

“facilitado o transporte dessas pessoas assim que foram libertadas” e garantiu que os opositores de Ortega poderão permanecer no país por motivos humanitários por dois anos. De acordo com o Departamento de Estado norte-americano, todos receberão assistência médica e jurídica.

“A libertação desses indivíduos, um dos quais é cidadão americano, pelo governo da Nicarágua marca um passo

construtivo para abordar os abusos contra os direitos humanos naquele país e abre as portas para mais diálogo entre Estados Unidos e Nicarágua sobre temas que causam preocupação”, declarou Antony Blinken, chefe da diplomacia do governo Biden.

“Estamos aqui na terra da liberdade e muito agradecidos”, declarou o economista e ex-candidato à presidência Juan Sebastián Chamorro, após

desembarcar nos EUA. “Foram 20 meses atrás das grades, em uma prisão de segurança máxima, mas aqui estamos, de cabeça erguida”, ressaltou o sobrinho político de Violeta Chamorro.

Parentes e amigos dos libertados reuniram-se no Aeroporto Internacional Dulles, na capital americana, para aguardá-los. A mãe de Evelyn Pinto, defensora dos direitos humanos presa desde novembro de 2021, disse sentir esperança após a libertação de sua filha.

Centenas de opositores foram presos e perseguidos na Nicarágua no contexto da repressão que se seguiu aos protestos que eclodiram em 2018 contra Ortega, no poder desde 2007.

O escritor nicaraguense Sergio Ramírez, que foi vice-presidente de Ortega em seu primeiro mandato (1985-1990) e atualmente exilado na Espanha, expressou sua satisfação pela libertação dos presos. “Hoje é um grande dia para a luta pela liberdade da Nicarágua, pois tantos prisioneiros injustamente condenados ou processados são libertados de prisões, nas quais nunca deveriam estar. Eles vão para o exílio, mas vão para a liberdade”, tuitou.